

Jornal de



CASTANHEIRA DE PÊRA

MENSÁRIO REGIONALISTA INDEPENDENTE



PORTE PAGO

FREGUESIAS
CASTANHEIRA DE PÊRA
E COENTRAL

Director: **ERLÄNDER MACHADO**

Director-adjunto: **ANTÓNIO JOSÉ DE MATOS**

Administrador: **BELARMINO H. CORREIA**

Chefe de Redacção: **NIQUELINO FERNANDES**

Administração e Redacção: Valinhô — Castanheira de Pera

PREÇO 20\$00

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

EDITORIAL

NÃO!

- Não deixaremos de ser um mensário independente e Regionalista.
 - Não aceitaremos o repto de quaisquer outros órgãos da comunicação social que se insinuem de Esquerda para nos oferecer um espaço à Direita.
 - Não nos deixaremos enlear por tricas dos grupos de pressão nem por compadrios mais ou menos políticos.
 - Não sustentaremos polémicas que ponham acima dos interesses do Concelho de Castanheira ou mesmo da Nação Portuguesa os interesses pessoais ou os ideários sócio-políticos de catedráticos de aviário.
 - Não pactuaremos com raciocínios distorcidos que caprichem em dar "uma no cravo e outra na ferradura".
 - Não aceitaremos a ajuda de quem fique escondido atrás de nós, nem defenderemos posições individuais desligadas do seu contexto social.
 - Não perseguiremos outro objectivo que não seja o de dar uma contribuição para o Progresso do nosso Concelho.
- E para além de tudo o mais:
- Não deixaremos de ser quem somos, servindo o Regionalismo como sempre fizemos.

H. M.



MALHOA — Estudo para "O Emigrante"

O JORNAL DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS
Comemorou condignamente o cinquentenário da morte de Malhoa.
Parabéns ao seu Director.

NOTAS SOLTAS

O DOUTOR BISSAIA BARRETO
VAI TER UM MONUMENTO
NA SUA TERRA.

TAL FACTO MUITO HONRA
OS SEUS PROMOTORES.

O RANCHO FOLCLÓRICO
NEVEIROS DO COENTRAL
DO CONCELHO
DE CASTANHEIRA DE PÊRA
AINDA NÃO TEM
ASSEGURADA A SUA
DESLOCAÇÃO AO BRASIL.

DIFICULDADES DE LIGAÇÃO
E DE AUDIÇÃO TELEFÓNICA
CONTINUAM A PREJUDICAR
OS POVOS DO NOSSO
CONCELHO

PARA ALÉM DOS BONS
SERVIÇOS PRESTADOS
PELOS « EXPRESSOS »
DA RODOVIÁRIA NACIONAL
HÁ QUE ASSEGURAR
AS LIGAÇÕES COM OS
LUGARES DO CONCELHO.

perspectivas

O mais seguro índice de civilização é o respeito pela vida, bem fundamental e raiz de todos os outros bens, como está bem de ver.

Daí que uma degradação do nível civilizacional dum grupo ou duma sociedade coincida, invariavelmente, com igual abatimento do respeito pela vida própria e, sobretudo, alheia. A pessoa passa a ser reduzida a indivíduo e este a uma peça da máquina do grupo ou do estado, neste caso, sempre um estado totalitário, absorvente, policial, desprezador dos mais elementares princípios, o primeiro dos quais é o direito à vida.

Vem isto ao caso do derrube do avião sul coreano, em que mais de duas centenas e meia de pessoas perderam a vida da forma mais estúpida e irracional

ANTÓNIO MATOS

que se pode imaginar, como a imprensa tão largamente tem referido e comentado, apesar de começar a ser já esquecido. E a liquidação, a sangue frio, de toda essa gente foi efectuada por determinação dum estado que se quer apresentar como civilizado e pacífico, como se acções destas fossem compatíveis com tais pretensões.

O derrube do "jumbo" sul coreano, apesar das pretensas explicações, oficiais e não oficiais apresentadas para o justificar, não passa dum acto miserável e torpe, dum verdadeiro e directo atentado à civilização, nos seus mais elementares princípios

que merece a imediata e inteira repulsa de todas as pessoas civilizadas e cultas, e isto sem quaisquer rodeios ou subterfúgios, como directo e vil foi o atentado a todas essas vidas inocentes e pacíficas.

Os governos ocidentais, onde nos enquadrámos, todos condenaram unanimemente tal atentado. Não fizeram mais que o seu dever e, se algo há a dizer é o reparo por não terem sido mais enérgicos. A sua atitude mereceu o apoio inequívoco de todas as pessoas de bem e sinceras, de todas as pessoas que apreciam a sua própria vida e respeitam a vida alheia. Só que isto não pode ficar reduzido a mera atitude de

circunstância, como se fora o cumprimento de simples formalismo social.

A repulsa por um acto destes há-de concretizar-se numa atitude permanente de respeito pela vida, em todas as suas fases e sempre, pela condenação sem disfarces, de todos os atentados à vida, venham eles donde vierem, sem dualismos hipócritas de apreciação

Nos tempos antigos, civilizado o continente europeu sob a unificação do Império Romano, vieram do Oriente as levas sucessivas de bárbaros que pareciam quase apagar a civilização ocidental, cuja superioridade estava muito mais nos termos de cultura e de ética do que em termos de técnica. Hoje, como on-

tem, os perigos para a civilização ocidental continuam a vir do Oriente. Aos bárbaros antigos, cujos nomes aprendemos na escola, sucedem-se os novos bárbaros e os atentados à civilização que então aconteceram hoje repetem-se de novo. As formas são diferentes, mas as razões são as mesmas. A mesma sede de domínio, de poder, de hegemonia, de exploração do alheio.

As invasões já não acontecem em hordas sucessivas, quais ondas de maremoto humano, que tudo varrem à sua passagem, mas fazem-se muito mais subrepticamente, com a introdução de quintas colunas no meio dos alvos a atingir, onde defendem e promovem os interesses que servem, numa evidente traição

às próprias origens e com a intoxicação da opinião pública através de bem orquestradas campanhas de publicidade que, directa ou indirectamente, servem os mesmos interesses promovem a mesma barbárie.

Perante este atentado à civilização, perpetrado no derrube do avião sul coreano, não se pode deixar de pensar que novos bárbaros realizam os mesmos ataques de sempre a uma civilização que, apesar de tudo, mantém como princípio fundamental, o infectível respeito pela vida. Ontem como hoje, os bárbaros de sempre, continuam apostados em evidência a sua oposição frontal aos enobrecedores princípios de sempre que fizeram grande a Europa e engrandeceram o mundo.

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

SEDE, REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : VAL INHO - APARTADO 13 - 3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

FICHA TÉCNICA

TIRAGEM: 2 500 exemplares

DIRECÇÃO: Herlânder Machado (director) e António José de Matos (director-adjunto) — REDACÇÃO Niquelino Fernandes (chefe de Redacção) e Amadeu de Almeida Joaquim (subchefe de Redacção) — ADMINISTRAÇÃO: Belarmino Henriques Correia — PUBLICIDADE: Jorge Pimentel Ladeira (chefe) PROPRIEDADE: Herlânder Alves Machado — COLABORADORES: Albino Dias Pereira de Oliveira António Alves Henriques, António de Jesus Ramos, Eralma, Fernando Costa, Gualter Alves dos Santos, Helder Machado Barata, Jaime Mondego, Joaquim Cardoso Duarte, José Manuel Bernardo, José Manuel Machado Fernandes, Manuel José Nogueira da Costa, Manuel Simões Coelho (Castelo), Miguel Trevim, Pedro Livre e Zilda Candeias Varandas — COLABORADORES ESPECIAIS: Nuno Bermude (escritor), Amândio Rodrigues (jornalista), Estanislau Inocêncio, Fernando Camarinha, João Clímaco Soares de Abreu e José Pádua (artistas plásticos) — CORRESPONDENTES Camelo — Jorge Bernardo da Neves, Carregal — Albino Nunes, Coentral — José Alves Barata, Fontão — Porfírio Cepas, Gestosa Cimeira — Aníbal Tavares, Moita — Rui Santos, Palheira — Adelino Marques, Pêra — Pompílio Antunes Sapateira — Gualter Fernandes, Sarzedas — Arlindo Silva, Troviscal — Isaltino Conceição e Vilar — Aires Henriques Estevão — MAQUETAGEM Dr. Herlânder Machado e Helder Machado Barata — DELEGAÇÃO: LISBOA: Rua da Palma, 163 — 1.º Esq. — 1100 LISBOA — COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO NOVELGRÁFICA, LDA. — Rua Capitão Salomão, Telef. 25299 — 3500 VISEU.

JUIZES DA TERRA E JUIZES DE FORA PARTE

“Os Juizes naturais da terra hão muitos azos pera nom fazerem compridamente Justiça... porque os naturais da terra tem hi muitos parentes e amigos e outros que com elles hão dívidos de conlacia e doutros semelhaves e alguns com outros hi malquerenças e desamor ou hão receança deles, por os quaes o direito presume que tão compridamente nom farão direito come os estranhos”.

(D. Afonso IV, Rei de Portugal de 1325 a 1357).

Há quem entenda — talvez mal — que “para homenagem à pretensa unidade nacional” as Autarquias “teriam todas de adoptar o mesmo modelo, de conduzir a sua acção política pelo mesmo padrão — o que na prática conduziria à negação do Poder Local, transformando os autarcas, como em tempos idos, em meros longa manus dos Governos”.

Dito isto assim, num jeito displicente e demagógico, além de se ofender quantos homens-bons dos concelhos foram Autarcas antes dos actuais — E tantos foram generosamente esforçados e diligentes em circunstâncias bem pouco favoráveis! — peca-se, também, pelo facto de se atribuir a um escrito ilações que ele não contém.

E tirar conclusões não contidas nas premissas consideradas é, pelo menos, consequência de uma leitura apressada.

Quando no número 11 deste mensário, publicado em 31 de Julho de 1983, inserimos um artigo que tinha por título “O ESTADO SOMOS NÓS!”, não visámos ninguém em concreto, mas, sim, todos os cidadãos portugueses — ou, se preferirem, todos os contribuintes — entre os quais se incluem, naturalmente, os próprios Autarcas e, entre estes, também os do nosso Município e os das suas Freguesias.

Escrevemos então — e repetimos agora — que “sempre que o Estado é beneficiado ou prejudicado, cai sobre nós todos o prejuízo ou o benefício” e

que “os Lucros e Perdas do estado são também Proveitos e Encargos de todos os Portugueses”. E, embora não desejemos alongar-nos em transcrições, afirmámos, ainda, nesse artigo, que “defraudar a Fazenda Nacional, mesmo em nome de eventuais conveniências locais ou regionais, é esquecer que Portugal é o somatório de todos os Portugueses e que o Estado, como organização política e administrativa de toda a Nação Portuguesa, é o valor mais alto — que cumpre respeitar”. Porque o “ESTADO SOMOS NÓS TODOS, deixar de o defender é atacar todos e cada um de nós”.

Três meses depois da publicação deste nosso editorial alguém entendeu dever sair à liça em defesa das Autarquias ou de quem, porventura, julgasse ser atacado com os termos que escrevemos.

Apesar da inocuidade da crítica, entendemos que esse alguém fez bem em escrever, quanto mais não seja porque desabafou, mas, também, porque VERBA VOLANT SCRIPTA MANENT — Sim, porque as pa-

lavras voam e os escritos ficam. E, assim, sempre se “ilustra” um curriculum!

Não vamos entrar em polémicas deste tipo quando a todos os castanheirenses deverá interessar muito mais, neste momento, responder a uma pertinente pergunta que se está formulando:

— Que futuro para Castanheira de Pêra?

— Que pistas deveremos seguir para a consecução de um desenvolvimento económico e social na nossa região?

De qualquer modo, apenas sentimos o dever de salientar a caricatura feita pelo nosso crítico, quando diz “que competência terá, verbi-gratia, a Junta de Freguesia do Campelo? Que legitimidade teria o Município de Castanheira de Pêra para se imiscuir na vida autárquica de Concelhos Alentejanos ou Transmontanos?”

Esta tem graça — e não ofende.

Onde escrevemos nós tal coisa?

Apenas diremos, em resposta, que todos são Portugueses e terão de se submeter às leis ge-

rais do País — sejam os simples contribuintes, sejam os próprios autarcas — porque cada um, embora usufrua, muito justamente, do Poder Local, não é um domínio senhorial.

Sim, salientamos o respeito pelos Superiores interesses do Estado não é exclusivo dos “sequazes das democracias populares”. E repare-se que falamos de respeito e não de defesa que, obviamente, terá órgãos próprios.

Se alguns passos da referida crítica nos fizeram sorrir, houve um que nos trouxe mágoa —

e repúdio. Aqui o deixamos leitor:

“Não! A música é outra! a questão é a de saber se as palavras brancas se vêm perdendo objectivos negros... E localmente ou se em “crescendo” a outra escala mais ampla VADE RETRO SATANA

Não faremos comentário: esta afronta: O Leitor que julgue!

H.A.J.

Editorial do jornal CASTANHEIRENSE de Julho/Agosto/Setembro de 1983 publicado em 15 de Novembro de 1983.

CARREGAL FUNDEIRO

FALECIMENTO

JÚLIO FERNANDES

Em São Paulo, no Brasil, faleceu o senhor Júlio Fernandes, de setenta e três anos de idade e natural de Pedrógão Pequeno. O falecimento deu-se já no passado dia 15 de Junho, embora só agora dele tivéssemos conhecimento. O extinto era casado com a Ex.ma senhora D. Gracinda Dinis Fernandes natural do Carregal Fundeiro, mas desde há muito radicada no Brasil, e pai

de Vitorino José Fernandes, sado com a Ex.ma Senhora Ester Fernandes, de José Alberto Fernandes, José da Conceição Fernandes e Dr. Carlos Alberto Dinis Fernandes, conceituado comerciantes em São Paulo ainda das Ex.mas Senhoras Maria de Fátima Conceição Fernandes, casada com o senhor José Batista e D. Maria Helena Fernandes Figueiredo, casada com o Senhor António Figueiredo.

À distinta família enlutada, o Jornal de Castanheira de Pêra apresenta condolências.

PROFESSOR DOUTOR BISSAIA BARRETO

(GRANDE FIGURA DO NOSSO CONCELHO)



O Busto do Professor Doutor Bissaia Barreto no Hospital Central de Coimbra.

Antigo Hospital da Colónia Portuguesa do Brasil, o Hospital Central de Coimbra, nos Covões, marca bem uma época e, apesar de muita incúria e degradação, ainda se impõe pela dignidade da sua concepção e pelo belo enquadramento paisagístico.

Ali, ganham especial significação — ilustrando duas épocas bem distintas — o busto de homenagem ao Doutor Fernando Bissaia Barreto e — frente-a-frente — o monumento dedicado ao Poeta popular António Aleixo.

No busto ao ilustre médico, professor da Universidade de Coimbra, natural de Castanheira de Pêra — que lhe deve a homenagem que não soube prestar aquando da sua morte (que, final, então, foi assinalada, na sua terra, com vilipêndios) pode ler-se a seguinte inscrição:

AO ILUSTRE PROFESSOR E BENEMÉRITO DOUTOR FERNANDO BISSAIA BARRETO HOMENAGEM DOS PORTUGUESES DO BRASIL

Noutro estilo — porventura em diferente propósito — o monumento fronteiro ao do ilustre Professor de Coimbra é dedicado ao Poeta popular António Aleixo. A contrastar com a simplicidade do Poeta, um retorcido tronco realça a singeleza profunda de uma quadra de sabor popular.



Quem trabalha e mata a fome Não come o pão de ninguém Quem não ganha o pão que come Come sempre o pão de alguém

António Aleixo

Francisco António Lopes Ribeiro

Eng.º Técnico Civil (I. S. E. C.)

● EMPREITEIRO DE OBRAS PÚBLICAS E CONSTRUÇÃO CIVIL

LEVANTAMENTOS TOPOGRÁFICOS: ELABORACÃO, MEDIÇÕES, MARCAÇÕES, PICTAGEM.

● EXECUÇÃO DE PROJECTOS: MORADIAS, BLOCOS HABITACIONAIS, REDES DE ÁGUAS E ESGOTOS, CÁLCULOS DE BETÃO ARMADO, ARRUAMENTOS.

Largo Camilo Castelo Branco, 13, 1.º

Telef. 2 29 77

2400 LEIRIA

NOTÍCIA

Castanheirense

CASTANHEIRA DE PÊRA

FORMATURA



D.ra ANA MARIA DA COSTA BAPTISTA NUNES

Com elevada classificação terminou a licenciatura na Faculdade de Medicina de Lisboa a Exma. senhora Dra. Ana Maria da Costa Baptista Nunes.

Nossa conterrânea, a nova médica é filha do escritor Júlio Baptista Nunes e de D. Domitília da Conceição Fernandes da Costa Baptista Nunes — e é irmã do Eng.º Luis Manuel da Costa Baptista Nunes.

Nasceu em Castanheira de Pêra, em 21 de Maio de 1959, quando seus pais exerciam, respectivamente, os cargos de Tesoureiro da Caixa Geral de Depósitos e de Professora do Ensino Primário.

O JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA deseja à nova médica os maiores sucessos na vida profissional e familiar e felicita-a vivamente bem como a seus pais.

COENTRAL

FORMATURA PAULA GRACINDA CLARO FERNANDES



Rancho Folclórico NEVEIROS do COENTRAL.

Parabéns, Paula Gracinda Claro Fernandes!

RECTIFICAÇÃO

PISÕES E OS SONHOS DOS PISOENSES

No nosso Jornal de Agosto (o Número 12) também as "Gralhas" passaram por esta Terra. Assim; na frase onde se lia a palavra "Concelho" devia ler-se:

Água ao Domicílio em todo o Lugar, excepto no Cancelinho.

Na lista dos Corpos Gerentes do C.R. Convívio de Pisões o Vice-Presidente é José Lopes (Cadaxo) e não José Cardano e o 1.º Vogal é Nelson Antunes Ventura, que não constou na referida lista.

Domingos Costa

O PADRE DANIEL ANTUNES É O NOVO REITOR DE CASTANHEIRA DE PÊRA



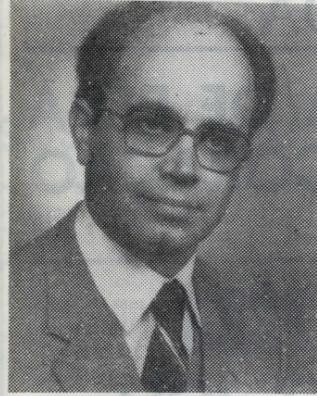
Padre Daniel Antunes

No passado dia 16 de Outubro entrou ao serviço da nossa Paróquia o Sr. Padre Daniel Antunes que, desde há anos, vinha exercendo as mesmas funções na freguesia de Águas Belas, concelho de Ferreira do Zézere.

Eram 15 horas daquele dia quando, acompanhado de numerosa caravana automobilística, o Sr. Padre Daniel chegou ao recinto da nossa Igreja.

Ali, era aguardado por muito povo, que, na expectativa de saudar o novo pároco, fazia também uma demonstração de fé religiosa. Depois de lhe ser conferida a posse por um representante do Sr. Bispo de Coimbra, o Sr. Padre Daniel celebrou missa, tendo na sua homília saudado todo o povo desta Paróquia. No final foi muito cumprimentado.

"Jornal de Castanheira de Pêra" deseja ao Sr. Padre Daniel, óptima estadia, e coloca-lhe as suas colunas ao seu inteiro dispor.



Seis anos decorreram após a data da vinda do Reverendo Padre Dr. António José de Matos para Castanheira de Pêra.

Agora que deixou de ser o responsável pela nossa Paróquia, cumpre-nos registar, nas colunas do Jornal de Castanheira de Pêra, o apuro, o zelo e a competência por ele afirmados quer na orientação dos destinos da Igreja local, quer na consecução de alguns melhoramentos de profundo significado social.

Graças à sua iniciativa, tiveram concretização feliz o CENTRO DE DIA DA TERCEIRA IDADE, no Coentral, e o CENTRO DE APOIO FAMILIAR, em Castanheira de Pêra.

Planeados e realizados num meio onde o apoio à família tão necessário se revela, esses melhoramentos são bem o fruto de uma acção pastoral orientada segundo os verdadeiros princípios católicos.

Por actos e palavras, em coerência, com força de ânimo, digamos mesmo corajosamente, com fronta-

DEPOIS DE SEIS ANOS de singular Acção Pastoral deixou

CASTANHEIRA DE PÊRA o Rev.º Padre DR. ANTÓNIO JOSÉ DE MATOS

lidade e esclarecida obediência à doutrina social da Igreja, o Padre Dr. António José de Matos marcou a época da sua acção no concelho de Castanheira de Pêra com a sua invulgar personalidade, com o seu estilo próprio e com as suas concepções de um sacerdócio moderno, virado para o Futuro e respeitoso dos valores autênticos que vieram do Passado.

Em Castanheira de Pêra, afirmou a sua personalidade forte não sendo um pároco resignado, tradicional, disposto a viver habitualmente. Foi inovador. Acentuou voluntariedade e energia, determinação e Fé. E, sem desânimos, não pactuou com desvios ou amolecimentos acomodaticios, nem hesitou em assumir posições que claramente demonstravam não estar receptivo às demagógicas atitudes de quem pretendesse, a todo o preço, agradar a Gregos e a Troianos.

Franco até à rudeza, adepto de disciplina assumida por esclarecimento, o Padre António Matos sou-

be integrar-se nos problemas locais e entender as grandezas e miséridas do meio. Observador e interventor, teve uma acção pastoral singular revelando fluência, ao serviço da doutrina social da Igreja e impondo-se, pelo seu perfil humano e intelectual, à consideração de todos — mesmo dos adversários que encontrava.

Sem medo das palavras, desafiante, com espírito de missão, desenvolveu uma actividade intensiva não só como pároco de Castanheira de Pêra e do Coentral mas também, ultimamente, como arcepreste de Figueiró dos Vinhos e, ainda, como professor na Escola Secundária de Castanheira de Pêra.

Por quanto aqui fica dito, bem se compreende que o Padre Dr. António José de Matos deixe saudade em muitos dos que de perto com ele contactaram.

Bem haja pelo que de bom aqui fez! E que Deus o ajude!

Entretanto, cá esperamos a sua visita.

ACONTECEU

NA

RIBEIRA DE PÊRA

FALTA DE ESPAÇO

Não pudemos publicar neste número vários artigos que desejaríamos ter incluído.

Do facto pedimos desculpa aos nossos leitores e também aos autores desses escritos.

FERNANDO MARTELO

ADVOGADO

Todos os dias, excepto às Sextas, na Av. P.º Diogo

de Vasconcelos — Telefone 52329 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MÓVEIS COSTA

A MAIOR ORGANIZAÇÃO NO GÉNERO DO CONCELHO E DA COMARCA

MOBIILIÁRIO MODERNO E DE ESTILO • ESTOFOS • ALCATIFAS • TELAS • FRIGORIFICOS • T. V. • MÁQUINAS DE LAVAR

ARMAZÉM N.º 1 - MOREDOS SEDE E ARMAZÉM N.º 2 AVENIDA DE S. DOMINGOS (FRENTE AO HOSPITAL)

UM GERENTE

José da Silva Costa

TELEFONE 44152 3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

Pinto & Brás, Lda.

EMPREENHEIROS DE OBRAS PÚBLICAS

Fornecedores de Materiais de Construção Máquinas para Terraplanagens

Telef. 92452

BARRAÇÃO — 2400 LEIRIA

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

NA HORA DA DESPEDIDA

DEIXO EM CASTANHEIRA DE PÊRA
UM POUCO DO MEU CORAÇÃOdisse a *jornal de*

CASTANHEIRA DE PÊRA

O PADRE DR. ANTÓNIO JOSÉ
DE MATOS

NA HORA DA DESPEDIDA

J.C.P. — Após seis anos de estadia neste concelho, ao serviço da Igreja, quais são as impressões que leva sobre o espírito religioso desta gente?

A pergunta, como está formulada, parece dizer mais respeito à religiosidade fundamental do homem normal, do que à expressão dessa religiosidade através da fé cristã. No entanto, ao ser-me dirigida, na qualidade de pároco, estou em crer que deseja referir-se mais à vivência da fé cristã pelas gentes do nosso concelho. Parto, portanto desta segunda hipótese.

No geral, as pessoas desta região são religiosas e são cristãs. Isto é, procuram expressar a sua religiosidade através da adesão à fé cristã. Só que, em termos de fé cristã, a vivência está bastantes vezes comprometida por um desconhecimento acentuado do mínimo indispensável para que tenha a qualidade que normalmente se espera. A ignorância religiosa manifesta-se inequivocamente na sua expressão mais popular que é o recurso à superstição e às "pessoas de virtude", como são conhecidas. Isto está muito generalizado no nosso meio, como é do conhecimento geral.

OPTIMISMO NUM AGIR
CRISTÃO MAIS CONSCIENTE

Não obstante, e como apreciação global, as pessoas têm boa vontade, são razoavelmente receptivas e dispõem até de certa docilidade, o que permite pensar-se com certo optimismo num futuro mais esclarecido e num agir cristão mais cons-

ciente. O que se manifesta aqui é uma grande falta de evangelização, como aliás em muitos outros meios. Mas a evangelização, entre nós, parece ter possibilidades e as condições necessárias. Isto, repito, como apreciação global. Pois também não faltam alguns indivíduos que não estão evangelizados nem pretendem sê-lo. Mas, para esses, vale a palavra do Evangelho de deixar que os mortos enterrem os seus mortos.

J.C.P. — Considera, portanto, realizada a sua missão religiosa, ou julga que mais poderia ter feito?

A missão religiosa pode entender-se em termos cronológicos e em termos de acção pastoral. Em termos de tempo, a minha missão aqui foi mais que cumprida, pois acabei por estar bastante mais tempo que o inicialmente previsto. Em termos de acção pastoral, alguma coisa se fez, talvez mesmo bastante, mas há que reconhecer que mais se poderia ter feito, se as condições tivessem sido diferentes. O que se fez manifestou-se sobretudo numa sensível mudança de mentalidade e numa abertura maior às exigências duma actualizada vivência da fé, cristã, na linha do concílio Vaticano II. As pessoas pensam um pouco diferente de quando cheguei e estão receptivas para uma mudança maior, que há-de nascer duma maior informação e consciência da expressão actualizada e correcta da fé que professa e desejam professar. Parece-me não restar dúvidas a ninguém que as pessoas, hoje, manifestam uma receptividade que, há meia dúzia de anos atrás, não possuíam. Neste aspecto, considero-me satisfeito com os resultados obtidos.

TRABALHO PASTORAL
À CUSTA DE ACRESCENTADO
ESFORÇO

Não quero, porém, deixar de dizer, que o meu trabalho aqui se realizou sempre em condições francamente más. Bastará dizer que o trabalho pastoral foi feito tirando sempre o tempo ao meu justo e necessário descanso, o que me trouxe alguns problemas de saúde. Para um adequado trabalho pastoral, que se deseje eficiente, há que dar e proporcionar um mínimo de condições de trabalho, como é evidente. Sempre que isto não aconteça, tudo o que se faça é à custa dum acrescentado esforço, com as presumíveis consequências.

Apesar de tudo, penso que se poderia ter feito mais, pois nunca se faz tudo. Isto não implica que não reconheça que, mesmo assim, não tenha feito mais do que aquilo a que estaria razoavelmente obrigado. E é curioso que não faltam pessoas que o reconheçam também.

J.C.P. — Foi ainda Pároco do Coentral. Que nos pode dizer sobre essa acção?

Guardo do Coentral a melhor das impressões. Tanto do ponto de vista humano como cristão. E isto não só dos que lá residem, mas também dos naturais de lá que vivem em Lisboa ou noutros lados. No seu conjunto, trata-se de gente sã, de carácter, fiel aos seus compromissos, habituada a lutar pelos interesses da sua terra e sua sobrevivência, que assume nas suas mãos o seu destino, não esperando que outros façam o que está ao seu alcance, gente muito apegada à terra natal e aos seus valores, que promove e defende. E tudo isto com li-



Sempre acompanhando de perto os acontecimentos do Concelho, eis aqui o Padre António Matos participando na inauguração do Parque das Merendas da Fonte das Bicas, no Coentral Grande, em 12.6.83. Da esquerda para direita estão os Sr. Belarmino Correia, Dr. M. Nunes Barata, Padre António Matos e o Presidente da C.M.C.F. Júlio Henriques, rodeados de populares.

sura, com correcção, com cordialidade.

Estas qualidades, como é bem de ver, não podem deixar de reflectir-se no plano cristão, e reflectir-se positivamente, pois quanto mais sólida é a base humana, mais rica e expressiva é a adesão à fé cristã e a sua vivência. Muitas pessoas falham como cristãs, porque têm uma base humana muito pobre. Não é preciso muito espírito de observação para o verificar.

GUARDO DO COENTRAL A
MELHOR DAS IMPRESSÕES.
É UMA COMUNIDADE CRISTÃ
COM NÍVEL DE MATURIDADE
APRECIÁVEL

Mais concretamente, a comunidade cristã do Coentral atingiu já um nível de maturidade na fé bastante apreciável. Isto manifesta-se

ativas da vida comunitária da fé. Em tudo isto e mais ainda, foram-se dando conta de que a paróquia não é do pároco, mas sua. Isto não foi fácil! Nem está ainda totalmente conseguido, tendo-se todavia avançado bastante e de forma sensível. A este nível parece-me que foi onde se avançou mais, apesar das reduzidas possibilidades.

AMPLIAÇÃO E MELHORAMENTO
DO EQUIPAMENTO
PAROQUIAL

J.C.P. — Ao aproximar-se o termo da sua estadia entre nós, quer dizer-nos alguma coisa, em jeito de balanço, da sua acção como pároco?

Ao nível do equipamento paroquial também se faz alguma coisa, em reduzido tempo. Além de se ter reparado o telhado da Residên-

ENTREVISTA CONDUZIDA POR

NIQUELINO FERNANDES

na maneira com que tem aceitado a forma algo precária do serviço religioso do Domingo e no modo como soube assumir a iniciativa do Centro de Dia para a Terceira Idade, uma iniciativa de que se orgulha e justamente se podem orgulhar. Manifesta-se ainda na forma como exprimem a sua fé na vida do dia a dia e na alegria tão serena e funda, tão comunicativa e sincera, como vivem as suas festas, sem esquecer — o que é importante — a preocupação, que tem e revela, de transmitir aos mais novos a sua fé e os seus valores. E esta preocupação aparece e concretiza-se tanto a nível pessoal como comunitário. Enfim, ao pensar em tudo isto e muito mais, quase se tem pena de que o Coentral não seja uma comunidade, numericamente, muito maior.

J.C.P. Ao aproximar-se o termo da sua estadia entre nós, quer dizer-nos alguma coisa, em jeito de balanço, da sua acção como pároco?

Fá-lo-ei com muito gosto, embora o que me pede seja uma coisa difícil. Um pároco, como homem de fé e chefe duma comunidade cristã, nunca pode esquecer que o elemento principal de qualquer acção pastoral é o Espírito Santo. Ele mesmo — o Padre — está ao serviço de Deus, através do serviço aos irmãos. Assim sendo, o que muitas vezes aparece como acção sua não é mais do que fruto da acção de Deus, através do Seu Espírito, que encaminha as pessoas e as leva a tomar posições e iniciativas positivas em benefício da comunidade. Isto é uma realidade muitas vezes esquecida pelas pessoas e é fundamental tê-la presente. Apresentado este pressuposto dir-lhe-ei então alguma coisa.

Estou em crer que a minha passagem por Castanheira de Pêra não só foi inútil, mas deixou até se me permite a imodéstia, um sinal positivo e em variados aspectos. Na maneira das pessoas pensarem e exprimirem a sua fé, no modo dos cristãos encararem.

ACÇÃO DE SINAL POSITIVO

A paróquia e com ela se solidarizarem, na forma como sabem que se devem unir em torno das inicia-

cia e substituído uma parte dele, arranjou-se uma boa sala de reuniões, equipada com o necessário fizeram-se as obras na Igreja Matriz que a deixaram boa e aliçada, de forma que as pessoas se podem dela justamente orgulhar e realizaram-se obras de beneficiação e arranjo em diversas capelas, nomeadamente, nas de Pêra, Gestosa Cimeira e Sarzedas, além de se ter melhorado o equipamento de algumas delas. Isto para não se referir as obras feitas para arranjo do espaço destinado aos arraiais em várias outras capelas, como é do conhecimento geral.

No que toca às obras recentemente efectuadas na Igreja, seja-me permitido deixar aqui uma palavra de muito apreço aos artistas que as realizaram chefiados pelo Senhor António Correia Domingues pelo cuidado, esmero, brio e competência que nelas puseram e que resultou no efeito que todos podemos observar.

CENTRO PAROQUIAL DE
SOLIDARIEDADE SOCIAL

Foi ainda durante a minha estadia na Castanheira que se criou o Centro Paroquial de Solidariedade Social. Esta designação talvez diga pouco a muita gente, dado ser um novidade, mas esclareço que se trata duma entidade com personalidade jurídica tanto perante a Igreja, como perante o Estado. Isto permite a realização de todos os actos decorrentes desta condição e, como resultado prático, já foi possível negociar com o Estado, através do Centro Regional de Segurança Social do nosso distrito, o financiamento do Centro de Apoio Familiar onde quase sessenta crianças, em idade escolar, ocupam os seus tempos livres como desta, qualquer outra actividade, pode ser negociada, desde que julgada conveniente.

CENTRO DE APOIO FAMILIAR
UMA BELA REALIDADE

Referido o Centro de Apoio Familiar, convirá dizer que esta iniciativa, tão simpática quanto foi desde logo compreendida e acolhida pelas pessoas mais educadas e apoiada pelos pais mais conscientes, ao mesmo tempo que ajuda pelas crianças, que a frequentam com alegria e prazer, com os podemos verificar. Havia davia que dizer e lamentar o de alguns pais — e exacta aqueles cujos filhos talvez necessitassem — ainda não compreendido quanto de bom resultaria para os seus filhos, quantassem o referido Centro de Apoio Familiar, que é uma realidade que honra a comunidade cristã e a nossa terra.

J.C.P. — Nesta hora de despedida, pode dizer-nos como se sente?

Por tudo o que fica dito e outras coisas mais que ultrapassam os limites duma entrevista, posso dizer-lhe que o meu sentimento é de satisfação. Julgo que sei muito bem fazer mais num curto lapso de tempo como este que levei em Castanheira, apesar de nem tudo ter sido fácil, como se compreende. No meio de tudo isto, aqui vivido em circunstâncias que não são fáceis, passando muitos momentos alegres e felizes, outros que foram tanto e outros ainda por graças a Deus, que, de triste abatimento, gostaria que não sem existido. No entanto, aqui muito mais momentos que tristes em todas as circunstâncias contei sempre com a compreensão, apoio e ajuda dos meus amigos. Resumindo, sinto que não me em Castanheira um pouco do meu coração. Não é em vão que vive numa terra tão intensa como eu vivi aqui os anos que levei passados.

Gostáramos de continuar conversando com o Pe. Matos, com familiarmente o tratamos, pela sua conversa fluente e pelas suas ideias claras, da sua segurança, da certeza com que fala a causa a que inteira e decididamente se dedicou e em que acreditava, mas não dispunhamos de mais tempo. Com pena de não ter sido a nossa conversa do que xamos aqui um apontamento aos nossos leitores, ao mesmo tempo que agradecemos ao Pe. Dr. António Matos a forma como muitas vezes nos recebeu e se dispôs a jogar connosco. Havia outras questões que gostaríamos de e que seriam também do interesse dos nossos leitores, mas o tempo e espaço, não nos permitiam alongar mais. Estamos certos de que o que fica bem elucidativo duma acção social esclarecida, intensa e produtiva como a que o Pe. Matos tem vivido entre nós, ao longo de todo o tempo.

LOTES DE TERRENO

VENDEM-SE em Castanheira de Pêra — Além da Ribeira
Lote 1 — 715 m²
Lote 2 — 392 m²
Lote 3 — 303 m²

Informa: Matias Pedro — Além da Ribeira

LABORATÓRIO DE ANÁLISE CLÍNICAS

BIOQUILAB, LDA.

Dir. Técnica: ALDA BRANCO GAMA
Licenciada em Farmácia — Especialista

Em Castanheira de Pêra todos os dias às 9 horas na Rua João Bebiana

Telef. 4 22 86

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Atelier

VOLTA DA ESTRADA

(Frente ao Posto de Gasolina SHELL)

CASTANHEIRA DE PÊRA

Residência
Av.ª S. Silvestre
Telefone 99405
LOUSÃREPORTAGENS DE CASAMENTOS, BAPTIZADOS, etc.
com apresentação de provas a cores horas depois
REVELAMOS OS SEUS ROLOS A CORES EM 24 HORAS

**SÁ SIMOES
DE ALMEIDA**

Ocorreu recentemente o primeiro aniversário da sua passagem à ternidade.

Personalidade ímpar, conquistou lugar dos mais cimeiros na escala hierárquica dos quadros de pessoal da Direcção Geral das Contribuições e Impostos mercê das suas qualidades de inteligência e de trabalho.

Já mesmo na situação de aposentado mostrou bem a sua capacidade valor técnico naquele difícil sector, colaborando activa e proficientemente em publicações da especialidade e assistindo várias empresas



como competente "consultor fiscal" para o que passou a dispor de um escritório em Lisboa.

Dotado de espírito generoso e franco, verdadeiramente humanista havia plenamente os problemas da família, sendo além disso, esposo exemplar e pai extremoso.

Era sempre com o maior entusiasmo que se interessava pelos problemas que visassem o bom nome e progresso do seu concelho — Castanheira de Pêra — não regateando, utrossim, a sua prestabilidade aos enterrâneos que o procuravam para qualquer eventual ajuda.

Possuindo de profunda saudade, em grupo de Amigos, prestando sincera homenagem e honrando a sua memória, renova na circunstância os seus sentimentos de solidariedade à Exa. Família que, mais que ninguém, o não esquecerá.

SAPATEIRA**AGRADECIMENTO**

A família de MANUEL HENRIQUES LOPES — Fallecido em 24 de Outubro de 1983, vem agradecer por este meio a quantos expressaram sentimentos de solidariedade cristã face à dor que a enlutou.

CONTRASTES**Nem tudo vai bem nos nossos Correios.**

por PROF. ANTÓNIO ALVES

Contrariamente ao que acontece em muitas localidades do Interior do nosso país, onde nalguns casos os meios disponíveis são antiquados e quase inoperáveis, quer ao nível de instalações quer no que toca a material logístico. Castanheira de Pêra tem uma estação dos C.T.T. moderna e relativamente bem aparelhada.

Em condições normais seria caso de orgulho para os Castanheirenses, que teriam oportunidade de usufruir integralmente das condições que aqui existem.

Todavia, tal não se verifica!... Isto porque, quem no dia-a-dia necessita daqueles serviços repara em situações verdadeiramente inconcebíveis que devem merecer o nosso vivo reparo. Até porque, contrariadamente, notamos que o "mal" já é crónico!...

Exemplificando: — A estação possui duas cabines telefónicas, só no entanto uma sendo utilizada. Porque é que, havendo essas duas cabines, por vezes estão pessoas na bicha para telefonar, quase horas, isto estando uma cabine "às moscas"? Acho que devemos ter direito a que funcionem as duas cabines simultaneamente. Decerto se poupariam bastante tempo e alguns aborrecimentos!...

— Outra questão, porventura ainda mais grave, prende-se com os funcionários dos C.T.T. Efectivamente, temos presenciado, da parte das pessoas que estão ao balcão, certas atitudes que nos deixem estupefactos. Também demos alguns exemplos reveladores:

— O facto de essas pessoas por vezes manterem intermináveis conversas entre si e por vezes até com pessoas do público, sobre assuntos de vida particular, não tendo o mínimo de respeito pelas pessoas que esperam a sua vez de serem atendidas e que são obrigadas a suportar tamanha perda de tempo.

— Em certas tardes, especialmente no Verão, com pessoas esperando pacientemente a sua vez de serem atendidas, terem o desprazer de fechar o "guichet" e abandonarem a estação para ir lanchar fora! Uma vez em que presenciámos isso mesmo e perguntámos a um agente da distribuição que se encontrava presente na estação se era assim que se procedia, tivemos da parte dele a irónica resposta de que "estava na hora do chá das madames" e nada havia a fazer, salvo esperar 15 ou 20 minutos que as mesmas regressassem...

Será que ali se trabalha em "par-

-time" e sem horário estabelecido legalmente?!!!

— Muitas outras situações temos presenciado, algumas até caricatas, como aquela de, estando nós em primeiro lugar na bicha nos terem demorado a vender um simples bilhete postal, cerca de 15 minutos! Que depois de escrito à pressa, por causa do tempo perdido, ainda verificámos não ter a franquia certa e depois serem necessários mais 5 minutos para a normalizar!!!

— Isto tudo aliado ao facto de, por vezes, as pessoas serem atendidas com uma morosidade de todo "imprópria para cardíacos" especialmente por parte dum funcionário que recentemente iniciou as suas funções na estação.

— Com aquela calma toda, de certeza que batem todos os "recordes" de longevidade!...

Enfim um rol de situações e factos que não se compreendem e que decerto têm que merecer a nossa maior contestação e que urge modificar, para bem de todos os Castanheirenses.

Finalmente, começamos a compreender porque há tantas greves nos C.T.T. e porque é que as tarifas aumentam constantemente! Pobre Castanheira! Pobre país!...

SALVEMOS A SAUDE

OLIVEIRA COSTA

Hoje, sou forçado a levantar a minha voz e juntá-la ao coro de protesto contra os abutres que caíram sobre a nossa terra delapidando-a a fogo.

As gigantescas queimadas que devoram as matas, para além do incalculável prejuízo na fitogeografia deste país em termos de paisagem, uberdade dos campos, vastidão da riqueza por número de caules, umidificação de terrenos, dulcificação de climas e, ainda e sobretudo, a purificação das massas gasosas elemento vital para a nossa sobrevivência. Estão a roubar-nos! Estão a saquear as fontes da nossa existência! Não consintamos! Basta!

A vitalidade de um Povo afere-se pelo grau da sua cultura e pelo seu nível de saúde.

Por este caminho, que saúde teremos?

Há em Portugal como em todo o mundo, piromaniacos, há. Simplesmente, a devastação que se opera por aí, nesta doída terra, não é só obra desses mas de outros que trazem energúmenos a soldo e se esquivam manhosamente na sombra, surgindo, depois, para colher os dividendos. Já todos sabemos que assim é! Para a obtenção de lucros fáceis e chorudos não hesitam em lançar mão de qualquer meio ínvio e soez.

Quando se porá cobro a isto? Quando vamos impedir que isto aconteça?

Eu disse impedir, não falei em castigar, isso pouco adianta, pois que castigo pode compensar tantos danos materiais e morais friamente calculados em cifras e vidas?

Um Povo instruído não faz nem consente que se faça tamanha barbárie.

Quando é que Portugal se pode mostrar ao mundo como um rapaz viril, instruído e educado?

Outubro de 1983

O FOGO E A ÁRVORE

Segundo a fábula foi Prometeu — Génio do fogo — que ensinou aos homens o uso do fogo. Prometeu aparece, na mitologia clássica, com o iniciador da primeira civilização humana.

Depois de formar o homem, com o lume da terra, para o animar, roubou o fogo do Céu. Em castigo, foi atormentado por Vulcano, deus do fogo.

O fogo, pela sua pureza e actividade, era considerado, pelos antigos, como o mais nobre dos elementos, aquele que mais se aproximava da divindade e como que a imagem viva do astro do dia. Tem uma grande importância nas antigas religiões da Índia sob o nome de Agni. A mitologia grega fazia do fogo uma conquista do homem sobre os deuses, obra de Prometeu e o culto do fogo seguiu perto do Sol.

Os romanos, imitando os gregos adoptaram esse culto ao rei lendário de Roma que fundou um colégio de vestais, encarregados de cuidar do fogo sagrado. Esta religião subsiste ainda em vários povos da América, que nunca principiam uma refeição sem deitar para o lume uma oferenda, o primeiro bocado. À noite acendem fogos e dançam, cantando, à roda dele. O fogo sagrado de Vesta (deusa de que era o próprio fogo) conservava-se, não só nos Templos, como à porta de todas as casas particulares, e, daí, vem o nome de Vestíbulo (estabulum vestae, morada de Vesta). O fogo teve altares sacerdotais, sacrifícios, em quase todos os povos da Terra e ocupa um lugar importante na religião Zoroastra — que pratica o culto do fogo. É, ainda, uma das principais divindades dos tártaros, que antes de beber, nunca deixam de se voltar na di-

recção do Sul, para onde abre a porta das suas cabanas.

O fogo, além de usado como culto, tem, como todos nós sabemos, variadas e utilíssimas aplicações.

Infelizmente no nosso país — o Norte a Sul — o fogo é outro!...

É o incêndio voluntariamente atestado, participando do duplo crime a propriedade e contra as pessoas. Não é a "piromania", a mania incendiária. É o crime praticado por seitosos, com fins vários. É o abate humilhante, das árvores. Por isso quem abate uma árvore, selvaticamente, devia o seu castigo ser igual à culpa.

A árvore tem sangue, tem alertos dentro dela, por isso "sofre" por lhe tirarem a força, lançando por terra, dum forma que não lhe fora predestinada!

AO VIANDANTE

"Que passas e ergues para mim o teu braço, antes que me faças mal olha-me bem!

— Eu sou o calor do teu lar nas noites frias de inverno;

— Eu sou a sombra amiga que te encontra, quando caminhas sob o sol de Agosto;

— E os meus frutos são a fresca ra apetitosa que te sacia a sede nos caminhos;

— Eu sou a trave amiga da tua casa, a tábua da tua mesa, a cama em que descansas;

— Eu sou o cabo da tua enxada. A madeira do teu berço e o teu próprio caixão;

— Eu sou o pão da bondade a flor da fazenda;

— Tu, que passas, olha-me bem e NÃO ME FAÇAS MAL!"

(Zilda Candeias Varanda
Setembro /1983)

Sarzedas de S. Pedro**FLORES - a mais linda ornamentação**

— Quem vê caras, não vê corações! — diz o ditado e é bem verdade.

— Quantas vezes o leitor já pensou que não há nada mais belo do que as flores?

No entanto, apesar dessa beleza tão atraente, alguém descobriu agora, por estes sítios, que as lindas e inofensivas flores podem ser albergue de bicharada prejudicial à saúde pública.

Infelizmente, esta descoberta, transmitida a quem de direito, teve o seu efeito...

Diz-se que só é pena que essa descoberta tão útil (!) não se tenha verificado há mais tempo. Mas como nem todo o mal,

nem todo o bem, podem vir de uma só vez, vamos pensando, se tisteitos, que Roma e Pavia não se fizeram num só dia.

Continuamos a verificar — com certa mágoa — que algumas pessoas aproveitam todas as oportunidades que se lhes oferecem para de imediato mostrarem a antipatia que têm por outras, o que fazem — segundo parece — com certa satisfação.

Mas, como toda a medalha tem verso e reverso, esta atitude (a de flores com bicho) caiu um pouco no ridículo.

— Que, fazer perante tudo isto? Nada parece mais certo do que conceder uma dose de humildade.

Niquelino Fernandes

FIANDEIRA CASTANHEIRENSE**INDÚSTRIA TÊXTIL, LDA.****IMPORTAÇÃO****EXPORTAÇÃO****FÁBRICA DE PENTEAÇÃO E FIAÇÃO DE LÃS E FIBRAS****EQUIPADA COM OS MAIS MODERNOS MAQUINISMOS**

TELEFONES 4 41 01 e 4 44 79

● TELEX 14686 FISCAL P

3280 CASTANHEIRA DE PÊRA (PORTUGAL)

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

COENTRAL

Rancho e Povo de mãos dadas

Três importantes acontecimentos ocorreram no ano de 1983 na Freguesia do Coentral e que constituem imagens bem elucidativas da força do seu povo. Referimo-nos às inaugurações do Parque das Merendas NO Coentral Grande e do Centro de Convívio NO Coentral Pequeno e ao início das obras de ampliação do Centro de Convívio NO Camelo.

O Rancho Folclórico Neveiros do Coentral consciente do papel que lhe cabe na consolidação dos la-

ços de união entre o povo que representa, tomou a iniciativa de contribuir com um donativo igual para cada um destes três melhoramentos, colaborando assim com os que, com um esforço digno de realce lançaram mãos a tão importantes obras.

Assim, na noite da sua actuação nos festejos em honra da Padroeira da sua freguesia, o Rancho do Coentral entregou a contrerãneos ligados àquelas iniciativas, Adelino Simões, Abílio Costa e Manuel Caetano, a sua contribuição de quinze

mil para cada um dos empreendimentos. Esta ajuda só foi contudo possível, porque os componentes do rancho suportaram as despesas de deslocação em diversas actuações porque os "cachets" recebidos fossem canalizados para melhoramentos na sua freguesia.

Consideramos exemplar esta atitude, ainda mais pelo seu significado do que pelo valor monetário, que dignifica esses coentralenses que — tocando, cantando e dançando — levaram a todo o país o nome

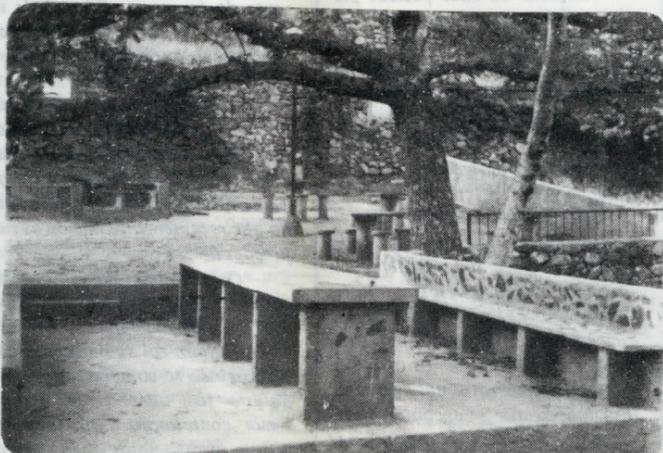
da sua freguesia e do seu concelho.

Ao realçarmos a palavra NO no início d'esta notícia, pretendemos simplesmente formular votos para que aqueles três locais de convívio não sejam usufruídos apenas pelas gentes do lugar onde foram construídos, mas que neles convivam os povos de todos os lugares da encantadora Freguesia do Coentral.

Zé Castelo



CAMELO — O novo Centro de Convívio ainda deixa ver as marcas do antigo.



COENTRAL GRANDE — Um aspecto do Parque de merendas da Fonte das Bicas.



COENTRAL PEQUENO (FOJO e BARREIRAS) — de um edifício velho nasceu o porte digno do Centro de Convívio.



FALECEU

O DR. MANUEL DINIS CORREIA PIMENTEL

filho do DR. MANUEL DENIZ HENRIQUES



Por sua última vontade, foi sepultado em Castanheira de Pêra pois herdou de seu pai um grande amor a esta terra.

Jornal de Castanheira de Pêra que no seu número 13, publicado em 30-IX-1983, evocou a memória do grande castanheirense (natural do Coentral) que foi o Dr. Manuel Dinis Henriques, lastima ter de esta notícia e apresenta sentidas condolências à família enlutada.

Em Lisboa, onde residia, faleceu no passado dia 23/IX/1983, o sr. Dr. Manuel Dinis Correia Pimentel. Natural de Castanheira de Pêra, onde nasceu em 28.II.1903, era casado com a sra. D. Adelaide dos Anjos Cardoso Mota Pimentel.

NÚMERO	EMITIDO EM	LOCAL DE EMISSÃO
7769856	22/12/1978	LISBOA
NOME		
MANUEL DINIS CORREIA PIMENTEL		
FILIAÇÃO		
MANUEL DENIZ HENRIQUES * MARIA DA SOLEDADE CORREIA TELLES DENIZ		
NATURALIDADE		
CASTANHEIRA DE PÊRA		
RESIDÊNCIA		
LISBOA		
DATA DE NASCIMENTO	ESTADO CIVIL	ALTURA
28/02/1903	CASADO	1,59
VALIDADE		
VITALICÍO		
INDICAÇÕES EVENTUAIS:		
CENTRO DE IDENTIFICAÇÃO CIVIL E CRIMINAL		

AGRADECIMENTO

DR. MANUEL DINIS CORREIA PIMENTEL

Sua viúva, Adelaide dos Anjos Cardoso Mota Pimentel, impossibilitada de o fazer pessoalmente, vem, muito sensibilizada agradecer, por intermédio do Jornal Castanheira de Pêra, a todas as pessoas que acompanharam à sua última morada.

LEITARIA CASTANHEIRENSE, L. DA
CAFÉ-CHÁ-CHOCOLATE-CERVEJA AO COPO

Com estabelecimento de:
MERCEARIAS-FAZENDAS-LOUÇAS-VIDROS

Telef. 44361
3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

fábrica de meias e luvas

MANUEL ALVES BARATA, LDA.
TELEFONE 44402 — COENTRAL — 3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

UNIDADE INDUSTRIAL
FUNDADA
EM 1920

MINI MERCADO
ESTRELA DA AVENIDA

De Ilda Maria T.F. Paulo

Peixaria, Charcutaria, Frutaria, Mercearia e Secção de Brinquedos

Av. S. Domingos
Telef. 44311
3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

AUTOMÓVEIS DE ALUGUER
PRAÇA VISCONDE DE CASTANHEIRA DE PÊRA

PROPRIETÁRIOS	TELEFONES
ANTÓNIO REDONDO DA COSTA	Praça — 44358 Res. — 44358-E
ANTÓNIO DA SILVA CAETANO	Praça — 44241 Res. —
ISALTINO DA CONCEIÇÃO	Praça — 44492 Res. — 44371
JOSÉ ALVES HENRIQUES EIRAS	Praça — 44241 Res. —
JOSÉ DAS NEVES BERNARDO	Praça — 44241 Res. —
MANUEL ALMEIDA NEVES	Praça — 44154 Res. — 44333
MANUEL SIMÕES	Praça — 44154 Res. — 44323

SERVIÇO PERMANENTE PARA O PAÍS E ESTRANGEIRO

AMÍLCAR SANDINHA
Advogado

Arganil — Lousã

Telefs.
Escrit. 99 172
Resid. 99 436

As Sextas-feiras
em Castanheira de Pêra
Telef. 44373

AUTOMÓVEIS
Deseja comprar, vender ou trocar o seu Automóvel ou Forçanete a gasolina ou a gasoil?

CONSULTE

AUTO PONTE DE ARROIOS, LDA.
DE MANUEL TOMAZ & FILHOS

Rua de Arroios, 152-A
Telefones 40185 e 538034
1100 LISBOA

MÚSICA E O FOLCLORE EM PORTUGAL

Albino Dias Pereira de Oliveira

Através de um notável série de obras, ressaltou em Portugal uma história da Música que, em a época, colocou o nosso País na posição honrosa em relação restantes Centros Artísticos Europeus.

Foi depois do conturbado período da Reconquista Cristã, entre 9 e 1329, reinando D. Dinis em Portugal, que houve um grande interesse pela evolução da Arte Musical tendo este monarca estimulado o gosto pela Música.

Após a fundação da primeira Universidade Portuguesa, em 1290, foi Trovador concedeu decisiva atenção à Arte Musical, tendo ordenado enquadrar nos programas universitários e disciplina de Música. Mais tarde, durante o reinado de D. João I (Mestre de Avis), entre 1385 e 1433, assistiu-se a uma difusão da cultura musical, entre as classes socialmente superiores.

O próprio Rei mantinha na sua corte uma verdadeira orquestra. Entretanto, surgiria a Música Popular, uma forma de manifestação cultural que se tem conservado, aos nossos dias, no Folclore Nacional.

As «loas», as «xácaras» e as «sarradas», constituem o aspecto musical da Arte Popular, sendo a forma de manifestação cultural.

No século XVI foi intensificada a evolução musical. O Período dos Descobrimientos muito contribuiu para que Lisboa se tornasse na das capitais mais brilhantes da civilização Europeia...

... E a Arte Musical Popular afirmava-se através das manifestações cantadas do nosso Povo — pelos certos das suas Filarmónicas, pelas exposições dos nossos Ranchos Clóricos.

Eis, Caro Leitor, a razão por que se expor, acerca das Bandas e Ranchos, o seguinte:
Bandas: — Há que enaltecer o es-

forçado trabalho dos Maestros e dos Directores de tais colectividades.

Ensaiares aos aprendizes os rudimentos de solfejo e de teoria para que eles passem a executantes e possam, assim, tocar nas Filarmónicas, quer nos meios rurais quer nos meios citadinos, é um grande serviço prestado, com o maior carinho e com esforço intensivo, a Cultura Popular. Este aspecto cultural e recreativo é muito importante.

Cumpra salientar que os executantes destas Bandas têm as suas profissões e só ensaiam e estudam música nos seus tempos livres.

Só com grande força de vontade e com amor à música se conseguem preparar para os concertos públicos oferecidos à nossa Gente, nas romarias, nas festividades religiosas, sempre em convívio fraterno.

Com as peças mais adequadas às procissões e às romarias, as Bandas Filarmónicas servem a Cultura estimulando colaborações, geram louvores e críticas que enriquecem a sensibilidade musical do Público, servindo também de bom pretexto para convívio.

Executantes e Autores das peças musicais servem, com a sua criatividade, a Cultura. E há que prestar também uma merecida homenagem ao elenco feminino que vai aparecendo nas Filarmónicas — o que não existia no tempo em que eu próprio estudei Música.

Ranchos: Caro Leitor: Refiro-me agora ao nosso rico Folclore para afirmar que, enquadrando nas exposições dos Ranchos, os cantares oriundos de lendas e de poesias populares, essa actividade artística é uma afirmação da sedução de cada Província Portuguesa. E não só as danças e os cantares guardam a Tradição. Também os trajos reflectem usos e costumes seculares.

Na verdade, os trajos regionais constituem um dos mais belos aspectos do Folclore Português.

É de alegria o fato minhoto. Opõe-se a este, com sua austeridade melancólica, o fato das montanhas do interior das nossas Beiras. Também se distingue o traje ribatejano da sobriedade das vestes do Alentejo. E são vistosos os fatos dos pescadores e das varinas da Nazaré — bem diferentes estes da indumentária graciosa das varinas de Lisboa.

E, por fim, recordo a simplicidade da tricana de Coimbra.

forçado trabalho dos Maestros e dos Directores de tais colectividades.

Ensaiares aos aprendizes os rudimentos de solfejo e de teoria para que eles passem a executantes e possam, assim, tocar nas Filarmónicas, quer nos meios rurais quer nos meios citadinos, é um grande serviço prestado, com o maior carinho e com esforço intensivo, a Cultura Popular. Este aspecto cultural e recreativo é muito importante.

Cumpra salientar que os executantes destas Bandas têm as suas

A terminar esta minha crónica, quero afirmar, com júbilo, que o Rancho Folclórico NEVEIROS do COENTRAL tem dignificado artisticamente o Concelho de Castanheira de Pêra, honrando com as suas exposições folclóricas a Comarca de Figueiró dos Vinhos.

Graças à dedicação a trabalho dos seus componentes e à maneira inteligente como o sr. Dr. Herlânder Machado, através de persistente dinamização, nos vários aspectos — História, Cultura, Etnografia e Folclore — o vem dirigindo.

VACALOUROS

ANTÓNIO BARROS

Este nosso dedicado Amigo e assinante, que ultimamente tem passado mal de saúde, já se encontra quase restabelecido. Congratulamo-nos com o facto e esperamos muito em breve poder novamente poder contactar com a sua agradável presença.

GRANDE JORNADA de Confraternização Benfiquista

No passado dia 29 de Outubro, sábado, pelas 13 horas, reuniu-se num almoço de confraternização no salão do último andar do edifício dos Bombeiros Voluntários, de Castanheira de Pêra, a grande família Benfiquista do nosso concelho.

A festa dos adeptos do "glorioso", que teve a animada presença dum grupo de "Fole e Gaita" de Miranda do Corvo, prolongou-se pela noite fora, tudo tendo corrido dentro da maior amizade e cama-

radagem que são apanágio da grande família de adeptos de Sport Lisboa e Benfica, a maior colectividade desportiva portuguesa e o grande embaixador de Portugal por esse mundo fora.

De destacar também a estimada presença do nosso conterrâneo Senhor Carlos dos Santos Coelho, há longos anos radicado em S. Paulo (Brasil).

António Alves

SARNADAS

CENTRO CULTURAL E RECREATIVO DE SARNADAS



LISTA DOS CORPOS GERENTES DE 1983 A 1984

ASSEMBLEIA GERAL

PRESIDENTE — Luis Filipe Antunes Henriques
VICE-PRESIDENTE — José dos Santos
1.º SECRETÁRIO — Manuel Antunes Ventura
2.º SECRETÁRIO — António Paulo

DIRECÇÃO

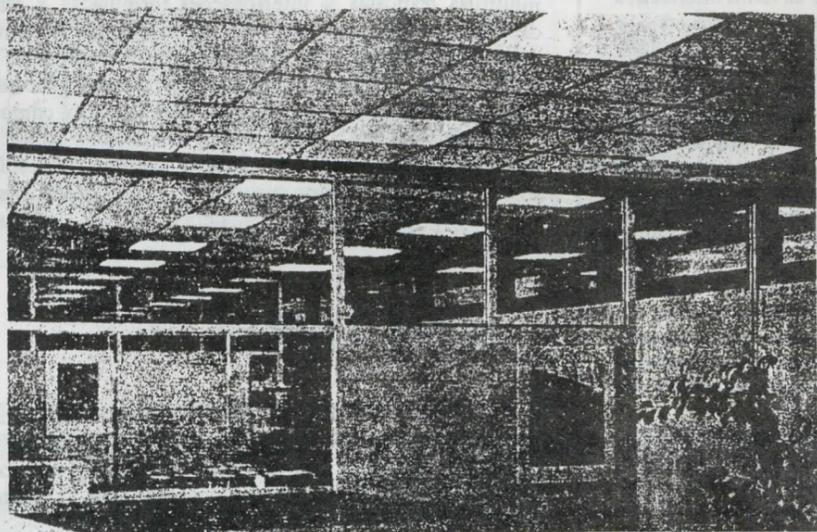
PRESIDENTE — Franklím Amaro das Neves
VICE-PRESIDENTE — Domingos Antunes
TESOUREIRO — Angelino Simões Correia
1.º SECRETÁRIO — Adrião Barreto das Neves
2.º SECRETÁRIO — Joaquim Henriques Marques
1.º VOGAL — Joaquim Carlos Lopes Antunes
2.º VOGAL — Domingos Antunes Marques

CONSELHO FISCAL

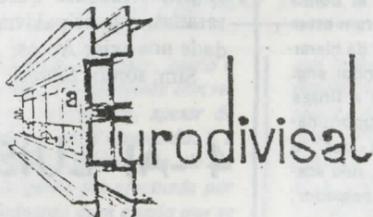
PRESIDENTE — Mário Barreto Dinis
SECRETÁRIO — Mário Francisco Paulo Dinis
RELATOR — Rui Manuel Amaro

(Eleitos na Assembleia Geral de 24 de Setembro de 1983)

Jornal de Castanheira de Pêra, que tem acompanhado com o maior apreço a acção desenvolvida por esta colectividade, expressa sinceros desejos de êxito aos novos dirigentes.



- DIVISÓRIAS AMOVÍVEIS
- TECTOS FALSOS
- PAV. FALSOS
- BIOMBOS
- MARQUISES
- PORTAS DE FOLE
- REVESTIMENTOS



COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CONSTRUÇÃO CIVIL E ALUMÍNIOS, LDA.

A TÉCNICA DO ALUMÍNIO NO MOMENTO EUROPEU
TRANSFORMAMOS ALUMÍNIO PARA QUALQUER
FINALIDADE E PARA TODOS OS PONTOS DO PAÍS

ESCRITÓRIO RUA MAESTRO PEDRO FREITAS BRANCO, 23-25 TELEF. 66 92 65-60 91 30 1200 LISBOA
INST. FABR RUA CAMPO DE OURIQUE, N.º 75 — LOJA 14 TELEF. 65 76 69-68 73 95 1200 LISBOA

LEIA
ASSINE E
DIVULGUE

O JORNAL DE
CASTANHEIRA
DE PÊRA

LEIA
O JORNAL
DA SUA
TERRA

AGÊNCIA
FUNERÁRIA
CHITAS

de
Aurora da Silva
Tomás
CHITAS

Telef. 44467
SARZEDAS DO VASCO
3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

JORNAL
DE CASTANHEIRA
DE PÊRA

— VENDE-SE
— EM CASTANHEIRA
DE PÊRA



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

DEPÓSITOS À ORDEM:

(Contas Individuais: Simples ou Conjuntas)

Saldos Até 150 000\$00 4 %
No excedente 2 %

DEPÓSITOS A PRAZO:

De 30 até 90 dias 17,5 %
De 91 até 180 dias 21,5 %
De 181 até 365 dias 28 %
De 366 até 730 dias 30 %

(Quantias com limite mínimo de 5000\$00)

CRÉDITO:

Sector Público
Predial
Industrial
Agrícola

NO RESTAURANTE
CHOPP-AVENIDA

— NO COENTRAL
GRANDE
NO BOTEQUIM
DOS
NEVEIROS

— EM LISBOA
NA TABACARIA
MÓNACO
ROSSIO 21
NA CASA DA COMARCA
DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS
Largo do Intendente, 45

Paisagem do QUOTIDIANO

NUNO BERMUDES

(ILUSTRAÇÃO DE JOSÉ PÁDUA)

FUTEBOL

Há coisas contra as quais os pseudo-intelectuais se indignam — actividades que inscrevem, com um estremecimento de verdadeira repulsa, no seu vasto index de pensadores profundos.

O desporto, por exemplo, é uma delas, muito particularmente o futebol, espécie de manifestação primária que — vejam só que horror! — atrai multidões de pessoas aos estádios de todo o Mundo.

E raramente se vê, por isso, um pseudo-intelectual a seguir um jogo de futebol preso do maior entusiasmo, puer numa bancada, quer agarrado a um aparelho de rádio.

Futebol, para ele, não passa de um entretenimento destinado aos pobres de espírito, aos analfabetos, aos que se entregam ao prazer das paixões mais baixas.

Em resumo: o pseudo-intelectual considera o futebol, na melhor das hipóteses, um espectáculo de gosto duvidoso.

E uma opinião e, como tal, defensável.

É uma atitude e, como tal, de claramente tomar.

E uma teoria e, como tal, de livremente exprimir.

Mas, era por aí que o pseudo-intelectual se devia deixar ficar. Era nessa linha imaginária que divide, para cada homem, o que tem interesse e o que não tem, que ele devia, prudentemente estacionar.

Ele, contudo, impudentemente ultrapassa-a. Com seu ar de ser superior — que não entende, consequentemente, certas infantilidades e esmaga a si próprio, tantas vezes, o desejo de tentar sequer entendê-las —, olha o seu semelhante que vai ao futebol como a um animal raro e inferior.

Pois que ele não admite que nós, que não somos nem intelectuais nem pseudo-intelectuais, gostemos de ver um desafio de futebol.



tuais nem pseudo-intelectuais, gostemos de ver um desafio de futebol.

Ele não compreende que um sujeito vibre de emoção quando a linha atacante de um clube — do nosso ou do adversário — se aproxima de uma baliza ou quando um guarda-redes defende, espectacularmente, um golo que parecia certo.

Não.

Para ele, gente dessa é ralé, malta sem massa cinzenta dentro do crânio, produto sub-humano de uma sociedade que só ele salva com a sua pseudo-intelectualidade de inimigo público número um de tudo aquilo de que todos os homens ou quase todos costumam absurdamente gostar.

Em compensação, há pseudo-intelectuais mais chatos do que certos desafios de futebol amigáveis entre aldeolas vizinhas...

POVOS SERRANOS

QUE HORIZONTES?

FERNANDO COSTA

A PESCA NAS RIBEIRAS

Quem percorre as margens dos nossos principais rios e, especialmente, o litoral do norte a sul encontra diariamente, embora com mais frequência durante o Verão, número considerável de indivíduos a pescarem à linha, uns utilizando canas modestas, outros sofisticadas.

Iguamente, com os seus fatos especiais, encontramos pescadores submarinos a mergulharem nas águas do Atlântico, levando em uma das mãos a sua espingarda de arpão.

Desconhecemos a existência de qualquer regulamentação sobre estas actividades, consideradas desportivas, e, inclusivamente, na mesma situação se en-

contram os praticantes, a quem colocamos a questão.

No entanto, não desconhecemos que, para "pescar nas águas interiores não submetidas à jurisdição marítima", é necessária licença de harmonia com os Decretos n.os 44623, de 10 de Outubro de 1962, 312/70, de Julho, e 35/71, de 13 de Fevereiro, condicionando a pesca das várias espécies e, bem assim, suas dimensões.

Evidentemente, em função do que se passa no litoral e, simultaneamente, falta de informação na Serra, os conterrâneos amantes da pesca desportiva, quando no Verão se deslocam em férias às aldeias onde exis-

tem rios fazem-se acompanhar da sua cana ou arpão e, por desconhecimento da Lei, vão pescando nos poços mais fundos, ou onde lhes parece mais aconselhável, para passarem o tempo livre.

A vigilância e o cumprimento da Lei, nos rios do interior do Distrito é de competência da Guarda Florestal que, salvo excepções, vem exercendo acção formativa, junto dos veraneantes sendo raros os autos levantados, por pesca à linha ou arpão, mesmo fora de estação.

Claro que há excepções. Uma delas passou-se na primeira quinzena de Agosto (já na área distri-

tal de Coimbra) e, por se ter desenrolado de forma incorrecta, a relatamos sinteticamente: o Guarda Florestal, por sinal à paisana (encontrava-se de fato-macaco), assistiu ao armar da espingarda de arpão; ao candidato a pescador saltar para a água e, só então, da margem do rio, a alguns metros de distância do banhista, pretender confiscar a arma, antes do crime consumado...

Porque assistiu o Guarda à paisana, impávido e sereno, ao acontecimento, não se identificou, nem informou antecipadamente o veraneante sobre o disposto na Lei?

Porque optou o Guarda Florestal pelo sistema repressivo, pela possível caça à multa, confisco do aparelho, etc., que depois não conseguiu consumir, por falta de autoridade moral?

Embora se trate, supomos, de um caso isolado, e, como temos a certeza não serem estas as instruções emanadas da hierarquia, solicitamos ao senhor engenheiro administrador da zona a fineza de lembrar aos seus subordinados para começarem por se identificar, informar e, não acatando o candidato a pescador, então actuar.

Além do mais não é da pesca à linha ou arpão, mesmo fora da estação, que é prejudicado o desenvolvimento piscícola. O desenvolvimento das várias espécies tem sido prejudicado, caso do rio Ceira, pela colocação criminosa de veneno nas suas águas, conforme, em anos anteriores, "O Colmeal", trouxe a público.

Fernando Costa

GOTA—A—GOTA

1 - TU ES «PETRUS»!

Da firmeza das rochas (*Cephas* ou *Kefá*, na Terra Santa) tirou o próprio Cristo o nome de Pedro. Deu-o a Simão, filho de João, que passou, assim, a chamar-se *Cephas* (rocha). A tradução grega deu *Pétros*, enquanto a latina consagraria o nome de *Petrus*.

E o Príncipe dos Apóstolos, PEDRO, viria a deixar o Cafarnaum para difundir a Fé Cristã e, em plenitude de doação, de Amor e de coerência, em humildade, impôs o Cristianismo na própria Roma — onde a sua abnegada catequese o tornaria mártir.

— Tu és *Petrus*!

E Simão foi firme como rocha, fiel a Cristo, animoso, coerente.

PEDRO foi, assim, o oposto de Judas Iscariotes.

Viveu intensamente o seu Amor a Cristo e pugnou pela realização plena do Homem, em exemplar fidelidade à doutrina de Jesus. Foi de facto a *pedra*-base da Igreja Católica.

Por isso, PEDRO é para nós, símbolo de firmeza, de fidelidade a uma doutrina pura e de verdadeiro Amor ao Próximo.

Nesse sentido, embora com ajustada noção da nossa pequenês, confessamos orgulho no nome que usamos. E dizemos:

2 - PEDRO SOU!

Em simbolismo, PEDRO é, para nós, a exigência interior de um comportamento de antes quebrar que torcer e de, em todas as circunstâncias, continuar igual a si próprio, fiel a sentimentos e a convicções, coerentes, sem propensão para as tricas, nem gozo nas diatribes.

E também a harmonia de RAZÃO e Fé, o critério da dúvida metódica aplicado à aparência das coisas. Será, ainda, a força de ânimo advinda da sistemática aferição dos conceitos, a abertura do espírito às críticas construtivas, a inexistência de acintes ou de rancores, a fidelidade ao Amor Fraternal.

E, de uma insistente procura da prova e da contra-prova das nossas convicções mais íntimas, passar à ponderação de tudo quanto possa negar ou confirmar a justeza das posições assumidas.

Firme como rocha na porfira esclarecida resultante das múltiplas respostas às interrogações formuladas, a atitude de antes quebrar que torcer não poderá jamais ser confundida com teimosia, com obstinação ou — o que seria bem pior! — com «o torpor do bem estar», com o «procurar regalias pessoais»... e sem «ver para além do que é cómodo».

Por palavras e actos afirmamos coerência e Amor. Isso nos traz consolo e nos conduz a uma serenidade de espírito. E sem quaisquer compromissos, em independência, no livre-arbítrio individual que Deus concedeu aos Homens, diremos:

3 -SOU LIVRE!

Não dependemos de quaisquer forças partidárias, nem temos que obedecer às directivas e estratégias dos grupos. Lutamos humildemente. Somos livres! Sabemos que os nossos direitos apenas deverão ser condicionados pelos direitos e necessariamente integrados.

Não, não nos deixamos «ficar apenas por palavras» e «sentimos tudo» em Amor Fraternal, sem inspirações demagógicas. Não nos quedamos em platónicas composições literárias, que as palavras não nos bastam e a nossa personalidade nos exige Actos.

Sim, somos *Livres*!

4 -AI LUÍS, LUÍS!

Se quisesses compreender que Cristo não é conciliável com Karl Marx, como compreendes — e bem! — que os «sentimentos de ódio ou de vingança» não devem albergar-se nos corações... Se não visses um adversário em quem, em Amor Fraternal, apenas te faz crítica... Se visses mesmo o Homem todo, de matéria e Espírito... E se, além da justeza da tua afirmação de «que o mundo foi dado a todos os homens e não só a alguns», reconhecesses igualmente que cada homem é, por si próprio, também um mundo... Então, Luís, meu irmão, como também serias LIVRE!

PEDRO LIVRE